



ICABODE

*Da mente de Cristo à
consciência moderna*



RUBEM MARTINS AMORESE

ICABODE

*Da mente de Cristo à
consciência moderna*



Editora Ultimato
Viçosa, MG

Copyright © 1998 by Rubem Martins Amorese

Projeto Gráfico:
Editora Ultimato

Capa:
Marcelo Simão de Vasconcelos

1ª Edição:
Agosto de 1998

Revisão:
Luiz Carlos Alves de Oliveira
Bernadete Ribeiro

Ficha catalográfica preparada pela Seção de Catalogação
e Classificação da Biblioteca Central da UFV

Amorese, Rubem Martins, 1951-

A524i
1998 Icabode; da mente de Cristo à consciência moderna
/ Rubem Martins Amorese. — Viçosa : Ultimato, 1998.
224p.

ISBN 85-86539-15-5

1. Igreja e modernidade cultural. 2. Igreja e proble-
mas culturais. 3. Cristianismo e política. I. Título.

CDD. 19.ed. 273.9

CDD. 20.ed. 273.9

2002

Publicado com autorização e com todos os direitos reservados

EDITORIA ULTIMATO LTDA.

Caixa Postal 43

36570-000 Viçosa - MG

Telefone: (31) 3891-3149 - Fax: (31) 3891-1557

E-mail: ultimato@ultimato.com.br



*À Angela, que já é, hoje,
muito do que ainda sonho
para minha vida espiritual.*



SUMÁRIO

<i>Prefácio</i>	9
<i>Apresentação</i>	15
1. A IMPORTÂNCIA DO TEMA	21
2. A HISTÓRIA DE CABO VERDE	33
3. A MODERNIZAÇÃO DE CABO VERDE	43
4. CONSCIÊNCIA MODERNA	75
5. IGREJA MODERNA: O DESAFIO DAS CRISES	101
6. A IGREJA E OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO DE MASSA	151
7. SOLUÇÕES?	165
8. EPÍLOGO	189
<i>Bibliografia</i>	199

PREFÁCIO

Cada pessoa, mergulhada em si mesma, comporta-se como se fora estranha ao destino de todas as demais. Seus filhos e seus amigos constituem para ela a totalidade da espécie humana. Em suas transações com seus concidadãos, pode misturar-se a eles, sem no entanto vê-los; toca-os, mas não os sente; existe apenas em si mesma e para si mesma. E se, nestas condições, um certo sentido de família ainda permanecer em sua mente, já não lhe resta sentido de sociedade.

— *Tocqueville*

Em toda a sua história, o Cristianismo sempre soube, bem ou mal, reconhecer, enfrentar e combater seus inimigos. Fosse eles teólogos, com suas heresias e desvios doutrinários; impérios, com seus reis e exércitos; ou mesmo demônios, com seus ataques sutis e enganosos, os cristãos sempre souberam discerni-los e reagir de forma a preservar a vocação da Igreja e sua aliança com o Criador. Discerni-los não era tarefa muito difícil, à exceção de algumas heresias que trouxeram, por certo tempo, confusão e

divisão. Mas, mesmo sendo ameaçado com torturas e perseguições, todos os inimigos do Cristianismo foram enfrentados com coragem e fé, e contribuíram direta ou indiretamente para o crescimento e fortalecimento da igreja de Cristo, tanto na sua fé como na sua vocação.

Em nossa história mais recente vemos que o conflito deu-se basicamente no campo da dogmática. O liberalismo teológico do início do século foi, e continua sendo, o grande vilão que ameaça a integridade da fé evangélica, levantando dúvidas quanto às doutrinas básicas do Cristianismo. A reação a esse "inimigo" foi o movimento fundamentalista que, a princípio, buscou resgatar e preservar os princípios fundamentais da fé cristã, mas que acabou sendo absorvido por outros valores ideológicos e teológicos, transformando-se ele mesmo numa outra ameaça. Atualmente, vivemos a redescoberta da "guerra espiritual", com forte ênfase nos "principados" e "potestades", que atuam no mundo espiritual, cujo combate também se dá com as armas do Espírito. Essa guerra de natureza mais metafísica tem dominado quase todo o cenário dos conflitos da igreja evangélica nos últimos anos.

No entanto, hoje a Igreja se vê diante de uma nova realidade, que a ameaça e traz uma característica muito peculiar e incomum: não se trata de um inimigo. Pelo menos não no sentido em que os outros mostraram-se na história. A bem da verdade, trata-se mais de um aliado que oferece inúmeros recursos considerados imprescindíveis para o avanço do evangelho do que uma ameaça à fé e missão da Igreja. Mas é exatamente aqui que mora o perigo. Ao mostrar-se como um aliado inofensivo, aceito e admirado por todos, que cria uma atmosfera de possibilidades e realizações, tira da Igreja a capacidade de discernir o que realmente está acontecendo à sua volta. E, sem que ela perceba, vai devagar minando suas bases até comprometer sua identidade.

Estamos falando da modernidade. Obviamente, não se trata de nenhum inimigo ideológico nem teológico, nem mesmo de um inimigo. É apenas a realidade constatada no cha-

PREFÁCIO

mado mundo civilizado. Ela está aí, admirada por todos, contribuindo com o que de melhor o homem pode experimentar. Mas, paradoxalmente, ela traz também a maior ameaça e o maior desafio que o Cristianismo jamais experimentou. Refletir sobre a modernidade e seus desdobramentos sobre a fé e a missão da Igreja é a grande tarefa que temos pela frente.

A ameaça que a modernidade traz não se encontra no campo da teologia dogmática, das formulações doutrinárias nem das confissões de fé da Igreja. Nada disso se encontra ameaçado de deformação ou extinção. Nem mesmo se trata de uma ameaça maligna, de um ataque satânico que poderia ser exorcizado mediante a “oração de guerra”, livrando a Igreja de uma crise sem precedentes. Também não se trata de nenhuma conspiração idealizada por estruturas políticas contrárias aos valores do reino de Deus. Trata-se mais de uma ameaça à natureza própria da Igreja, ao significado de ser Igreja. Na verdade, o desafio que temos pela frente em relação à modernidade não é o de lutar pelas doutrinas evangélicas nem pela moral religiosa (embora continuem sendo temas importantes), mas o de preservar o propósito original da aliança de Deus com o seu povo, de conseguir simplesmente ser Igreja.

Quando olhamos para a realidade protestante da Europa pós-moderna, continente que foi o berço do protestantismo, percebemos a força devastadora da modernidade sobre a fé e a Igreja. Aquilo que imperadores com seus exércitos ou mesmo homens com suas heresias não conseguiram ao longo destes quase dois mil anos de Cristianismo, a modernidade conseguiu sem grandes esforços. Para nós, brasileiros, que experimentamos um momento de grande entusiasmo e crescimento evangélico, pode parecer pura especulação de mau gosto tratar deste tema como uma ameaça a uma igreja que nunca esteve tão sólida e segura da sua vocação. Talvez valesse a pena lembrar aqui as palavras do Senhor Jesus à igreja de Laodicéia: “Pois dizes: Estou rico e abastado, e não

preciso de coisa alguma, e nem sabes que tu és infeliz, sim, miserável, pobre, cego e nu" (Ap 3.17). A modernidade cega, empobrece e descaracteriza a Igreja.

Infelizmente poucos têm se preocupado com este tema. Talvez, por se encontrar tão próximo de nós, o assunto esteja, ao mesmo tempo, mais distante do que nunca. Fazemos parte dele, somos beneficiados por ele e, sem que percebamos, somos conduzidos por ele. Nossos valores, cultura e religião são sutilmente influenciados e transformados pela modernidade, e absorvemos tudo isso sem nenhuma resistência. Somos hoje uma igreja moderna, não porque incluímos instrumentos modernos na nossa liturgia, mas porque incorporamos valores próprios de uma sociedade moderna. A secularização, o individualismo, a pluralização são algumas dessas novas realidades que têm mudado o cenário das relações humanas e religiosas.

Modernidade é o tema deste livro. Sua abordagem é profética, feita por alguém que tem estado preocupado com este assunto já há algum tempo. É profética porque contém os três elementos que considero indispensáveis numa profecia. Primeiro, compromisso com o passado, com os oráculos de Deus, com o propósito da aliança. Toda a profecia mantém sempre um pé no passado como referencial bíblico e histórico do chamado e vocação da Igreja. Segundo, analisa, à luz do passado, dos oráculos de Deus e de sua Palavra, o presente, procurando discernir a modernidade não por ela nem a partir dela, mas pela aliança de Deus com sua Igreja. Esta é, particularmente, uma tarefa difícil, principalmente em se tratando de uma igreja como a brasileira, que vive momentos de crescimento e euforia. Não estamos acostumados a lidar com o óbvio; a habilidade para discernir o presente e seus desdobramentos sobre o futuro exige uma visão mais acurada da realidade, visão esta que nos é dada como um dom do Espírito Santo, que sempre nos pergunta: "o que vês?" Terceiro, o profetismo bíblico aponta para os desdobramentos da modernidade sobre a Igreja e sua mis-

PREFÁCIO

são, caso esta não atente para os riscos inerentes a este processo.

Neste livro, Rubem Amorese traz uma contribuição valiosíssima para a igreja cristã neste final de milênio. O leitor perceberá que os conceitos apresentados no livro são construídos sobre uma análise da realidade do mundo, da sociedade e da Igreja na qual todos estamos inseridos. Não se trata de especulação teológica nem futurista, mas de cuidadosa reflexão multidisciplinar sobre aquilo que nem sempre é tão óbvio pelo simples fato de estarmos pessoalmente envolvidos. “A cultura moderna é o molde com o qual todos fomos moldados e que somente podemos reconhecer, rejeitar e mudar por meio da perspectiva exterior de Deus em meio à nossa ignorância, uma ignorância agudizada, de certa forma, pelo excesso de informação”. A dificuldade encontrada para discernir o mundo moderno é porque nós somos modernos. O que o Rubem procura aqui é se posicionar como um observador crítico que analisa o processo de modernização de uma cultura e seus efeitos sobre a fé cristã. Esta análise é, ao mesmo tempo, sociológica e teológica. O autor é, por um lado, uma pessoa comprometida com a Igreja de Cristo, e que tem servido ao Senhor da Igreja com fidelidade e dedicação; por outro, é também um comunicólogo que, em sua atividade profissional, dedica-se à análise dos meios de comunicação de massa e seus efeitos sobre a sociedade. Estas duas vertentes da sua vida tornam-no uma pessoa habilitada para refletir sociológica e teologicamente sobre um tema tão vasto e complexo como é a modernidade.

O sábio afirma que “não havendo profecia o povo se corrompe” (Pv 29.18). Espero que este livro contribua para que a Igreja consiga discernir os sinais do mundo em que vive e ao qual serve. Que ele abra nossos olhos para que vejamos aquilo que nem sempre é tão óbvio, e que nos prepare para o enfrentamento desta realidade que não pode ser definida como um “inimigo”, mas que ameaça o futuro da Igreja.

APRESENTAÇÃO

O primeiro texto que me chegou às mãos sobre o assunto foi o conhecido “Cuidado com a jibóia”, publicado no livro *La Iglesia del futuro*, pela Casa Bautista de Publicaciones¹. Naquele texto, Dr. Os Guinness, discípulo de Francis Schaeffer, apresenta, de forma resumida, sua percepção do desafio apresentado pela modernidade ao discipulado cristão, discorrendo a respeito de seu efeito destruidor sobre as instituições sociais, de uma forma geral, e sobre a religião em particular. Ali ele estabelece seu tripé estruturador do tema: secularização, pluralização e privatização.

O texto me impressionou muito, gerando um misto de temor, incredulidade e urgência. Na verdade, a incredulidade provinha de um desejo de que algo naquela análise esti-

¹ Rio de Janeiro, 1983, pp. 56-83.

vesse errado. Com isso, também os desafios e ameaças careceriam de base factual e teórica, e eu voltaria à minha paz ignorante. Mas veio Lausanne II, em Manila, julho de 89, e lá fomos nós. Qual não foi a minha surpresa ao encontrar Dr. Guinness, cercado de discípulos, provendo toda uma série de palestras, plenárias e grupos de estudos sobre o tema.

A dificuldade de escolher entre os seminários oferecidos era das maiores. Tudo era interessante, num encontro mundial sobre evangelização: “Proclamando Cristo até que Ele Venha”. Nesse exato momento, numa plenária preliminar, Os Guinness profere uma palestra intitulada: “O Impacto da Modernização”. Bastou sua introdução para tornar minha curiosidade incontrolável e minha convicção de que este era um tema sobre o qual precisávamos conversar muito no Brasil. Uma de suas primeiras afirmações foi: “A modernidade, ou a civilização mundial emergente, representa a maior grande oportunidade e o maior grande desafio que a Igreja jamais enfrentou desde os tempos apostólicos”².

Era o bastante. Matriculei-me em todos os seminários e colecionei todos os folhetos, documentos e bibliografias disponibilizados. Lembro-me que pensei assim: “temos mais chances do que as igrejas do Primeiro Mundo, porque estamos alguns anos atrás. Pelo menos existe um ponto no qual é vantagem estar atrás. Precisamos estar atentos ao que acontece por lá, às soluções que encontram por lá, e aprender com seus problemas, sem que tenhamos de passar pelo que certamente passarão”. Precisamos aprender rápido.

Desde então — 1989 — venho tentando ler, pensar, debater e compartilhar o assunto, buscando desenvolver um senso crítico sobre a matéria, convencido que estou de sua importância para a igreja brasileira. Associado a isso, tenho tentado dar vazão à minha vocação de comunicador, buscando colocar o assunto ao alcance de um público menos espe-

² Minneapolis: World Wide Publications, 1990, pp. 283-288.

APRESENTAÇÃO

cializado e sem propensão para o discurso acadêmico ou facilidade com leituras em outras línguas. Tento fazer isso consciente do comprometimento da acuracidade científica e do rigor metodológico. Mas alcanço um leitor que não teria acesso a esse universo, se tiver de ler *Science*. Dos debates e trocas com esse público, tenho coletado idéias, opiniões, reações e material da mais alta importância, que me têm em muito ajudado a articular as questões de forma a que toda a igreja possa participar da reflexão e adensar a massa crítica necessária a uma tomada de posição mais abrangente e consistente.

O texto que se segue é uma tentativa de “relatório de viagem”. Por um lado, pode ser visto como uma resenha do material que tenho conseguido amearhar neste tempo. Por outro, pode servir a quem queira se iniciar no assunto, seja aproveitando a bibliografia fornecida, seja por meio de um “passeio” pelo terreno.

Apresso-me em reconhecer minha dificuldade em raciocinar sociologicamente com segurança, a partir do ferramental fornecido pelos autores compulsados. Todavia, esse é o objetivo: amadurecer uma forma de pensar, para poder propor uma via de acesso ao fenômeno. No entanto, alguns poderão dizer: este fenômeno não é distintivamente moderno. Prevejo que essa ponderação poderá ocorrer em muitos casos. Em alguns, com inteira razão, inclusive. Até porque aprendemos ser impossível, em muitos casos, separar, como o joio do trigo, o que seja exclusivamente moderno em um dado sistema de idéias e valores³. Daí por que achamos que

³ “O fato maciço que ora se impõe é que existe no mundo contemporâneo, mesmo em sua parte ‘avançada’, ‘desenvolvida’, ou ‘moderna’ por excelência, e até no plano tão-somente dos sistemas de idéias e valores, no plano ideológico, alguma outra coisa que nada tem a ver com o que se definiu diferencialmente como moderno. E bem mais do que isso: descobrimos que numerosas idéias-valores que se aceitavam como intensamente modernas são, na realidade, o resultado de uma história em cujo transcurso modernidade e não-modernidade ou, mais exatamente, as idéias-valores individualistas e suas contrárias, combinaram-se intimamente. DUMONT, Luís. *O individualismo; uma perspectiva antropológica da ideologia moderna*. pp. 30-31.

este trabalho seja apenas uma contribuição inicial ao longo debate que esperamos se desenvolva em torno do tema.

Nossa esperança é que este tema, ainda tão verde entre nós, brasileiros, venha a ocupar a prioridade devida na agenda teológica da Igreja, para que possa ser convenientemente amadurecido. Do debate, espero, surgirão as respostas de que nossa igreja tanto necessita.

Uma palavra sobre o termo "modernidade". Começa a surgir, nos debates sobre o tema, o uso do termo "pós-modernidade". Diz-se que somos uma geração "pós-moderna"; vivemos o "pós-modernismo" etc. Optei por continuar com "modernidade". Entendo que os termos "modernismo" e "pós-modernismo" referem-se ao movimento filosófico e das artes destes últimos duzentos anos. Na verdade, têm uma proximidade conotativa tão grande com o que chamo de *modernidade*, que esta distinção é quase desnecessária. Mas ainda assim há distinção: modernidade, na minha forma de entender, não é uma designação para movimento artístico-filosófico. Modernidade provém da tecnologia. Está associada mais à revolução industrial que à rejeição dos padrões clássicos.

Nesse sentido, o termo tem conotação de contemporaneidade, de atualidade. *Moderno*, para mim, é algo que reflete a última moda, a última invenção, a ideologia do momento. Concebida assim, não há espaço para pós-modernidade. A não ser usando a escada de disseminação das idéias de Francis Schaeffer, em *O Deus que intervém*: uma mudança começa na Filosofia, reflete-se nas artes e chega ao homem comum, na forma de cultura popular. Nesse caso, no mais alto nível, teríamos o Pós-modernismo dando origem à modernidade. Mesmo assim, há uma mudança muito grande de natureza do fenômeno. Confundir modernidade com modernismo poderia nos levar a dizer "pós-hoje". Mais ou menos como tentar afirmar que "o homem pós-moderno é caótico", assim: "o homem pós-atual é caótico". No mínimo, teríamos de mudar o tempo do verbo para "será". Ninguém vive o "pós-

APRESENTAÇÃO

hoje”, a “pós-atualidade”. Pode-se viver o “pós-cristianismo”, o “pós-domingo de páscoa” (ou, pelo menos, o “pós-domingo passado”) etc., mas o “pós-presente”, não. Só Deus.

Só um exemplo: ouvi uma autoridade dizendo que a aprovação pelo Congresso Nacional da possibilidade de reeleição do presidente da República tem, entre outras vantagens, a de colocar o país *em sintonia com a modernidade*. Veja como o termo foi usado. Está dizendo que o país se igualaria, em termos políticos, com os países mais avançados do mundo. Imagine, agora, a mesma autoridade dizendo que o país ficaria *em sintonia com a pós-modernidade*. Faz sentido? Caberia um termo pelo outro? Entendo que não. Portanto, nem sempre eles são sinônimos. Não devem ser usados sem critério, sob pena de confusão semântica.

Rubem Martins Amorese
Brasília, 1993/1998.

1.

A IMPORTÂNCIA DO TEMA

“É o melhor dos tempos, é o pior dos tempos!” Esta é a descrição das mudanças revolucionárias levadas a efeito na França do século XVIII, na ótica e nas palavras de Charles Dickens⁴. Na verdade, essa expressão retrata bem as contradições em que estão mergulhadas as instituições sociais de nossos tempos. É difícil compreender as razões por que uma mesma entidade social esteja vivendo, ao mesmo tempo, o melhor e o pior de seus tempos. No melhor dos mundos, encontra um ambiente propício à sua plena manifestação e desenvolvimento; no pior deles, esta mesma instituição se encontra ameaçada por muitos perigos. Podemos citar alguns exemplos.

⁴ BALSWICK, Jack O. *The family*. Grand Rapids: Baker Book House, 1989. pp. 273-306.

Na área do relacionamento conjugal, o indivíduo vive hoje um período de divórcios sem precedentes em toda a história, levando muitos analistas a prognosticar a falência da instituição “família”, na forma como é tradicionalmente conhecida. Ao mesmo tempo, no entanto, proliferam os relatos de satisfação no relacionamento conjugal de uma forma sem precedentes. Nunca esse relacionamento foi tão satisfatório para ambas as partes. O homem, finalmente, encontra uma companheira à sua altura, quer para o diálogo, quer para o convívio: ela pensa, age, reage, faz-se bonita, independente, inteligente e o agrada. A mulher, por seu turno, encontra outros tipos de prazeres na companhia do homem: prazeres intelectuais, companheirismo, proteção não-paternalista, parceria em empreendimentos familiares e não-familiares. Os relatos de realização nesta área são tão veementes quanto aqueles que dão conta dos fracassos.

Se voltarmos os olhos para a infância, encontraremos milhões de crianças sofrendo a dor de serem um peso, em lares partidos ou desajustados (para não falar dos órfãos de pais vivos: os menores abandonados ou filhos de pais separados), o que faz com que cresçam com uma psiquê comprometida e de prognósticos sombrios. No entanto, encontra-se em todos os meios de comunicação — sejam programas especializados, revistas femininas, debates televisivos, legislação de proteção ao menor e ao adolescente — uma ênfase sem precedentes no amor e intimidade no relacionamento familiar, como a única alternativa para a desgraça de toda uma geração. Já não é um escândalo encontrar-se um jovem senhor, em trajes executivos, empurrando um carrinho de nenê na praça principal da cidade, ou no calçadão da praia. Já não se estranham os desenhos animados em que os pais heróis se apresentam vestidos de Batman, Super-homem, ou outro herói — coisa impensável há alguns anos, para a mentalidade machista e para o senso de ridículo de então. Ao observar a cena, pode passar despercebido que aquele momento é fugaz e tenso: um pai

A IMPORTÂNCIA DO TEMA

confuso, culpado, permissivo ao extremo, tentando exercer seu direito de visitar o filho uma vez por semana, depois de seu quarto divórcio. O pai dá o que o filho pedir. Nada o leva a contrariar ou disciplinar o filho. E este, sabendo que em poucas horas voltará a ser abóbora, aproveita o quanto pode, chegando a se intoxicar de sorvete e pizza.

Vive-se um tempo de liberdade sem precedentes: liberdade de pensamento, de costumes, de modos de vestir, de religião, de lazer etc. Nunca as amarras sociais estiveram tão frouxas e oferecendo tanto espaço para realização pessoal, familiar, grupal e mesmo nacional. A tradição já não é tão restritiva ao ponto de inibir sem explicações plausíveis; a autoridade pública tem os seus próprios limites e aceita o costume de ser um agente a serviço da população; o governante tende a ser um democrata, eleito e deposto pelo povo, e assim por diante. O “melhor dos tempos”.

No entanto, vivemos num mundo de escravos e escravizados sem precedentes. Surgem novas formas de escravidão, que se apresentam como paradoxos à liberdade pretendida: a escravidão de drogas, do consumo, de aparências, do *status*, da vaidade etc. Esses fenômenos, por mais antigos que sejam, encontram sua potencialização perigosa e deletéria na anomia da liberdade moderna. Sem parâmetros, sem ideais, que pressuponham limites, os jovens se transformam em hordas dispostas a diversão a qualquer custo, promovendo bailes *funks*, pancadarias em estádios, pichações de monumentos, pegadas de carro etc. Os adultos, também adeptos do hedonismo total, não conseguem conviver com governos, regras, limites, restrições etc. Matam-se no trânsito, puxam a arma sem razão aparente, divorciam-se por enfado ou na busca de um novo brinquedo conjugal, e nem ligam se o prefeito está roubando descaradamente.

Um exemplo do paradoxo na área religiosa: O sonho de muitos pais da fé se realizou: o de ter em sua própria língua várias versões das Escrituras, além de comentários, léxicos,

pesquisas e ferramentas científicas. Isso sem falar nas traduções da Bíblia em linguagem popular, o que a leva ao alcance das crianças e do povo menos erudito, e nas dezenas de boas revistas de escola dominical. No entanto, o desconhecimento do conteúdo bíblico — para falar apenas sobre aqueles que teriam a obrigação de conhecê-lo, o povo de Deus — chega a ser considerado por alguns educadores cristãos como uma calamidade. Isso sem considerar o fenômeno da baixa escolaridade e do analfabetismo, que começa a caracterizar justamente o povo da Palavra: os “bíblia”. Pesquisas revelam que o grupo social, recentemente tipificado e caracterizado como “evangélico” se distingue por seu pendor antiintelectual e (não sei se causa ou consequência) por estar cada vez mais abaixo da média nacional de escolaridade. Tão próximos, todavia tão distantes.

A modernidade tem sido celebrada como o caminho do futuro, com sua técnica, sua tecnologia, seu conforto e seu potencial de solucionar os problemas da humanidade. Mas tem sido acusada também como a causadora do declínio de nossa civilização, produtora de pobreza, exploração, concentração de renda, bens e serviços e produtora de indicadores de indignidade social sem precedentes. Esse efeito contraditório tem provocado uma interessante ambigüidade de sentimentos em pessoas mais idosas. Por um lado, reconhecem que estão saudáveis, em muitos casos economicamente ativas e socialmente vivas graças a facilidades e recursos destes tempos. Por outro lado, sonham com o tipo de vida de outrora, em que eram “realmente felizes”. Nas palavras de Betinho:

A modernidade produziu um mundo menor do que a humanidade. Sobram bilhões de pessoas. Não se previu espaço para elas nos vários projetos internacionais e nacionais. No Brasil essa exclusão tem raízes seculares. De um lado, senhores, proprietários, doutores. De outro, índios, escravos, trabalhadores, pobres. (...) A industrialização brasileira não

A IMPORTÂNCIA DO TEMA

encurtou o abismo entre pobres e ricos. Os senhores viraram empresários, mas continuaram a viver em novas versões da casa-grande. Os escravos viraram trabalhadores, mas continuaram morando na senzala, em dormitórios feitos para isolar o pobre depois do serviço.⁵

A QUESTÃO INEVITÁVEL

O que terá acontecido com nossa sociedade, para provocar tais reações, tal ambigüidade de sentimentos, tal nível de contradições? Na verdade, essas mudanças não são de hoje: já vêm ocorrendo há algum tempo. Trata-se do processo de modernização, que traz consigo todos esse fatores ambíguos, contraditórios e paradoxais.

Esse fenômeno pouco estudado e compreendido, que significa prazer, realização e conforto, mas que, ao mesmo tempo, apresenta tamanho poder de destruição das formas e estruturas sociais estabelecidas, consideradas *tradicionais*; formas de agir, pensar e sentir — de existir em sociedade, enfim —, é chamado de *modernidade*⁶. Ela precisa ser conhecida em sua constituição, sua evolução, seus efeitos, seus aspectos positivos e negativos, de forma que se possa vivê-la inteligentemente.

Em sua memorável palestra inaugural em Cambridge, em 1954, C. S. Lewis, referindo-se ao movimento modernista, defendeu que ele era a maior divisão histórica do homem

⁵ SOUZA, Herbert. O pão nosso. *Veja 25 anos*. p. 16.

⁶ Estamos conscientes de que essas mudanças ainda estão em pleno processo e, na percepção do sociólogo Domenico de Masi, da Universidade de Roma, ainda têm muito a caminhar: "...as novas conquistas, já estocadas na bagagem da humanidade, exigirão uma reestruturação dos sistemas políticos, sociais e psicológicos. A estrutura de nossas personalidades, assim como a de nossas comunidades nacionais e internacionais, é expressão de um mundo tecnologicamente primitivo em relação ao atual e espelha o seu atraso. A sociedade pós-industrial é gerenciada com critérios industriais ou até rurais." MASI, Domenico. *Em busca do ócio. Veja 25 anos*. p. 47.

ocidental; maior que a diferença entre Antigüidade e a Era das Trevas, maior que aquela entre a Era das Trevas e a Idade Média, maior ainda que aquela entre a Idade Média e o Renascimento⁷.

CANAÃ 2000

Antes de começarmos a descrever o fenômeno da modernidade, gostaria, numa espécie de parêntesis, de apresentar uma analogia. Ela nos seguirá por todo este livro, e nos ajudará a manter o prumo das nossas análises. Encontra-se em Deuteronômio 6.1-21:

Estes, pois, são os mandamentos, os estatutos e os juízos que mandou o SENHOR teu Deus se te ensinasse, para que os cumprisses na terra a que passas para a possuir;

2 para que temas ao SENHOR teu Deus, e guardes todos os seus estatutos e mandamentos, que eu te ordeno, tu, e teu filho, e o filho de teu filho, todos os dias da tua vida; e que teus dias sejam prolongados.

3 Ouve, pois, ó Israel, e atenta em os cumprires, para que bem te suceda, e muito te multipliques na terra que mana leite e mel, como te disse o SENHOR Deus de teus pais.

4 Ouve, Israel, o SENHOR nosso Deus é o único SENHOR.

5 Amarás, pois, o SENHOR teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma, e de toda a tua força.

6 Estas palavras que hoje te ordeno, estarão no teu coração;

7 tu as inculcarás a teus filhos, e delas falarás assentado em tua casa, e andando pelo caminho, e ao deitar-te e ao levantar-te.

8 Também as atarás como sinal na tua mão e te serão por frontal entre os teus olhos.

9 E as escreverás nos umbrais de tua casa, e nas tuas portas.

10 Havendo-te, pois, o SENHOR teu Deus introduzido na terra que, sob juramento, prometeu a teus pais, Abraão,

⁷ MYERS, Kenneth, A. *All God's children and blue suede shoes; christians and popular culture*. New York: Crossway Books, 1989.

A IMPORTÂNCIA DO TEMA

Isaque e Jacó, te daria, grandes e boas cidades, que tu não edificaste;

11 e casas cheias de tudo o que é bom, casas que não encheste; e poços abertos, que não abriste; vinhais e olivais, que não plantaste; e quando comeres e te fartares,

12 guarda-te, para que não esqueças o SENHOR, que te tirou da terra do Egito, da casa da servidão.

13 O SENHOR teu Deus temerás, a Ele servirás, e pelo seu nome jurarás.

14 Não seguirás outros deuses, nenhum dos deuses dos povos que houver à roda de ti,

15 porque o SENHOR teu Deus é Deus zeloso no meio de ti, para que a ira do SENHOR teu Deus se não acenda contra ti e te destrua de sobre a face da terra.

16 Não tentarás o SENHOR teu Deus, como o tentaste em Massá.

17 Diligentemente guardarás os mandamentos do SENHOR teu Deus, e os seus testemunhos, e os seus estatutos, que te ordenou.

18 Farás o que é reto e bom aos olhos do SENHOR, para que bem te suceda, e entres, e possuas a boa terra, a qual o SENHOR, sob juramento, prometeu dar a teus pais,

19 lançando fora a todos os teus inimigos de diante de ti, como o SENHOR tem dito.

20 Quando teu filho de futuro te perguntar, dizendo: Que significam os testemunhos e estatutos e juízos que O SENHOR nosso Deus vos ordenou?

21 Então dirás a teu filho: Éramos servos de Faraó no Egito: porém o SENHOR de lá nos tirou com poderosa mão.

OS PERIGOS QUE MOISÉS VIA

Esse texto nos fala de perigos, de situações escorregadias, de um ambiente adverso, dentro do qual se daria a nova vida na terra prometida. Naquele ambiente, e para aquela situação, a Lei foi repassada, e as graves e solenes recomendações sobre lealdade e amor incondicional ao Senhor foram repetidas.

Não acha, leitor, que se poderia, simplesmente, ter dito que o Senhor deve ser amado de todo o coração, de toda a alma e de toda a força? Claro que sim! Essa recomendação se aplica a qualquer situação da vida.

Mas repare que Deus, ali, está preocupado com ameaças específicas; com situações novas pelas quais o povo passará. Há um contexto concreto, diagnosticado por Deus e por Moisés, dentro do qual vão-se repassar as recomendações de fidelidade; como que a dizer que o tipo de fidelidade e devoção requeridas na vivência da terra prometida será diferente da experiência do deserto. O princípio é o mesmo, mas a forma de vivê-lo precisará ser contextualizada. *E se isso não for feito com todo o cuidado e diligência, toda a nação corre risco de desintegração.* Uma desintegração que começa com o enfraquecimento da identidade nacional, e termina, de uma forma ou de outra, em exílio e escravidão. Para sobreviver como povo de Deus na nova terra, é preciso, antes de tudo, uma sólida identidade nacional: a identidade de povo de Deus.

Também nós vivemos tempos difíceis. No entanto, nem sempre nos apercebemos de que nossa *identidade de povo de Deus está ameaçada*. Tão ou mais ameaçada do que naqueles tempos bíblicos. O perigo, então, era de que o povo, ao adentrar um conforto que nunca conhecera; ao habitar casas cheias de tudo o que é bom, casas que não haviam enchido; poços que não haviam aberto; ao desfrutar de vinhais e olivais que não haviam plantado, esquecessem-se do Senhor que os havia tirado da terra da servidão. Havia o perigo de que passassem a viver como cananeus; sentir como cananeus, adotar os valores e ideais da terra; e a seguir os deuses dos povos ao seu redor. Se isso acontecesse, *deixariam, simplesmente, de ser povo de Deus*. Veja como isso é dito nos versos 15 e 24: "... para que a ira do Senhor teu Deus se não acenda contra ti e te destrua de sobre a face da terra"; "... e temêssemos o Senhor nosso Deus, para o nosso

A IMPORTÂNCIA DO TEMA

perpétuo bem, para nos guardar em vida, como tem feito até hoje”.

Note a força extraordinária do texto. Fala de destruição física, de vida e morte. E é nesse momento de crise, caracterizado pela convivência do *desafio* e da *oportunidade*, que o povo tem de retomar suas crenças, afirmar sua identidade e fazer as opções corretas.

OS PERIGOS DE HOJE

Para sobreviver como povo de Deus no Brasil de hoje, é preciso, antes de tudo, uma sólida identidade eclesial. Dizendo de outra forma: precisamos aprender, urgentemente, a ser igreja no Brasil do final do século XX.

Mas você pode estar pensando: isso é muito fácil de dizer. Fazer já é outra coisa. Como se compreenderiam aquelas mesmas recomendações, se destinadas à igreja brasileira de hoje? Qual é o grande desafio da virada do milênio? Em que sentido o povo de Deus está sendo ameaçado de desintegração? Ou será exagero despropositado pensar em ameaça de exílio e escravidão para os dias de hoje?

EM BUSCA DE DISCERNIMENTO

Vivemos, hoje, uma versão moderna da Canaã a ser conquistada por Josué: um tempo de grande conforto e facilidades materiais. Um tempo de telefone sem fio, fax, computadores, ônibus, metrô, rádio, televisão, revistas, jornais, automóveis, aviões a jato, *freezers*, fornos de microondas, energia elétrica, antibióticos, catéteres, ultrasonografia, raio-x, *skates* com roda de poliuretano, tênis com sola pneumática e cano inflável, CD-ROM, discos *laser*, DNA, Internet etc. Se essas facilidades fossem estendidas a todos os brasileiros, seria uma maravilha. Mas é característica de nosso tempo

termos tudo isso associado ao caos social e a um princípio de barbárie. (O que são, afinal, os cabeças raspadas, os grupos de roque pesado, as gangues de bairro, as organizações religiosas auto-identificadas como satanistas, os esquadrões da morte, os neonazistas etc. senão novos bárbaros?) Vivemos o que Charles Chaplin chamou de *tempos modernos*. Tempos de profundas contradições. Tempos em que se misturam, como parte da mesma realidade, conforto e miséria; tecnologia de ponta e falência social; prodígios da medicina e mortandade pela Aids; safras recordes e fome profunda; liberdade e escravidão; comunicação de massa e isolamento; metrópoles superpopulosas e solidão.

Falar de tempos modernos é falar de contradições, trazidas pelos fenômenos da pluralização, privatização e secularização.

Vamos conversar mais detidamente sobre esses paradoxos. Gostaria, no entanto, de trazer à tona uma aplicação importante da analogia de Canaã 2000. Trata-se da compreensão de que Canaã sempre foi vista como promessa de Deus a Abraão, Isaque e Jacó. Quando Moisés, no texto citado, repassa a Lei, e exorta o povo, apresentando os perigos que a Terra Prometida encerra, não está dizendo, com isso, que ela seja inteiramente má. Não. É promessa sendo cumprida. É bênção.

Não devemos imaginar, em nossa transposição, que Canaã 2000, ou seja, a modernidade, seja algo de que devamos nos envergonhar; um mundo do qual devamos nos retirar, um território do diabo, ou coisa assim. Não. A modernidade pode e deve ser vista como um tempo de coisas boas de Deus para seu povo. Um tempo de casas que não edificamos, olivais que não plantamos e vinhas que não semeamos. Facilidades e confortos que nunca tivemos, preparados por Deus para nossa alegria.

A postura adequada diante dessa nova dimensão existencial permanece sendo a de Josué: "Vamos e possuamos essa boa terra que o Senhor nos dá".

A IMPORTÂNCIA DO TEMA

No entanto, esclarecido esse ponto, voltemos às preocupações de Moisés. Nem tudo o que ali existe nos é permitido; nem tudo edifica; nem tudo agrada a Deus. Daí o refrão de Moisés: “guarda-te de que não esqueças o Senhor que te tirou da terra da servidão”.

Unindo essas duas dimensões: a da promessa e a da exortação, verificamos que a vivência em Canaã exigirá do povo de Deus, como exigiu nos tempos de Josué, muito discernimento. Não dá para viver em Canaã como se vivia no Egito; e muito menos no deserto. Precisamos aprender a viver nesse novo tempo — aí está o propósito deste livro. Ajudar nesse momento de análise, diagnóstico e discernimento do momento que vive a Igreja de hoje. Fechemos o parêntesis.

Passemos a tentar descrever o fenômeno da modernidade, no sentido de criar o espaço de compreensão necessário ao discernimento das ações e reações que se requeiram para que possamos caminhar com liberdade, ou seja, sem temores infundados, mas sem a ingenuidade que nos faz presa fácil. Tentaremos fazer isso de forma bem fácil, por meio da história de uma cidade hipotética.